

VERTENTES

Vertentes, seção temática da exposição *Demasiado humano* que ocupa o terceiro pavimento do Espaço TIM UFMG do Conhecimento, é dedicada à abordagem da diferença como fundamento da cultura. O tema será tratado por meio da variedade de formas de pensamento e expressão (linguagens, línguas, sons e imagens – tudo o que representa as culturas) utilizadas pelos homens e que marcam sua passagem pela Terra. A orientação conceitual foi dada pelas professoras Maria Inês de Almeida, autora dos textos de abertura de cada seção, e Patrícia Kauark, curadora da exposição.

A mostra é iniciada com uma instalação criada por Paulo Schmidt, com vídeos produzidos pelo Cedecom/UFMG, sob a orientação do professor André Prous e do professor Rodrigo Minelli, do Departamento de Comunicação da Universidade. Seis telas encontram-se ligadas a diversas regiões de um globo, que representa a Terra. Cada um dos monitores exibe um filme que mostra como os homens de diversas partes do mundo desenvolveram culturas distintas, criando técnicas de plantio, regimes alimentares, hábitos e estratégias que lhe permitiam a sobrevivência sob diversas condições climáticas e naturais. Respondendo às restrições impostas pelas condições de seu espaço e desenvolvendo inúmeras formas de vida e sobrevivência, as sucessivas gerações de homens transformam o globo, criando uma geografia humana.

Guardando a memória de cada povo, as cosmogonias não são apenas histórias que falam sobre a origem dos homens e de determinada cultura. Essas narrativas são como recipientes onde saberes tradicionais, depurados pela experiência dos antecessores, são depositados. Na

segunda instalação deste pavimento, os visitantes terão a oportunidade de apreciar pequenas doses de narrativas pertencentes às tradições de povos que influem na formação da cultura brasileira e no pensamento e ciência ocidentais.

O público encontrará grandes vitrines com esculturas em papel criadas pelo artista plástico Marcelo Bicalho, a partir de roteiros e adaptações desenvolvidos pelos professores Adriana Vidotti, Jacyntho Lins Brandão, Maria Inês de Almeida, Patrícia Kauark e René Lommez Gomes. O cenário e os personagens constituídos pelas esculturas traduzem, de forma visual, trechos das cosmogonias maxakali, maia, yorubá, grega e judaico-cristã. Ao se aproximar de uma vitrine, o visitante acionará automaticamente um equipamento de sound-tube e ouvirá uma gravação com aquela mesma narrativa contada em sua língua original, cujo trabalho de registro e edição sonora ficou a cargo do professor Jalver Bethônico. Próximo à vitrine, o visitante terá à disposição uma tradução do trecho escutado e representado nas esculturas.

Após passar por essa experiência sensorial, o visitante alcançará outra instalação, composta por diversos painéis de LED que apresentam fragmentos de textos de vários autores. A partir de roteiro da professora Eneida Maria de Souza, a concepção deste ambiente é de autoria dos professores Maria Inês de Almeida, Patrícia Kauark e Rodrigo Minelli. A seleção de textos foi efetuada por Maria Inês de Almeida e René Lommez Gomes.

Assim como muitos autores puderam moldar novos mundos através da força da palavra escrita, é possível ver como as imagens dos séculos XVI a XX

criadas em torno do continente americano surgiram das mãos daqueles que se dedicaram a descrever o continente, contando as formas e cores de sua natureza e os modos de viver e pensar de seus habitantes. É isso que será visto na instalação seguinte, em que trechos de importantes obras dedicadas à temática americana encontram-se espalhados pelos assentos de bancos de descanso.

Após redescobrir a América por meio da escrita, o público será conduzido a uma sala onde uma grande quantidade de imagens e fragmentos de pinturas recontará, de forma pouco usual, a história da América e do mundo, entre o início do século XVI e meados do século XIX. Recriando alegoricamente o ambiente de um mercado da América colonial, o *Mercatu Mundi*, a instalação mostrará como as cidades do continente americano, se tornaram local de encontro da diversidade e laboratório de misturas de objetos, culturas, pessoas, plantas e animais provenientes dos quatro cantos do globo. Esse módulo tem, como fonte, pesquisas desenvolvidas pelo professor Eduardo França Paiva, do Departamento de História da UFMG. A concepção da instalação foi desenvolvida pelos professores Fabrício Fernandino, Maria Inês de Almeida, Patrícia Kauark, Eduardo França Paiva e pelo historiador René Lommez Gomes.

No esteio desse denominado processo de mundialização, a natureza cultural foi afetada pelo trânsito de pessoas, flora e mercadorias.. Através da leitura de trechos de textos antigos, coletados pelo historiador René Lommez Gomes e dispostos em painéis, nesta passagem da exposição o visitante poderá verificar o trânsito, entre a América e o restante do mundo, de várias espécies de plantas, que alteraram as paisagens e as culturas, inclusive a cultura alimentar de inúmeros povos.

Atuando como fósseis linguísticos, os nomes dos lugares também guardam a memória e os vestígios do trânsito, das trocas, das línguas e das culturas. Por isso, a toponímia (estudo linguístico da origem e mudança dos nomes dos lugares), em especial a fitotoponímia (estudo relacionado com os nomes das plantas), se constituem como fontes privilegiadas para o conhecimento das relações ambientais, socioculturais e históricas que moldaram a ocupação humana de uma região.

Elaborada a partir de uma pesquisa sobre a fitotoponímia mineira, desenvolvida pelas professoras Maria Cândida Seabra e Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, da Faculdade de Letras da UFMG, dentro do projeto *Atlas toponímico do Estado de Minas Gerais*, a instalação multimídia *Os nomes e os lugares* oferecerá aos visitantes a oportunidade de, através da escolha em uma tela touch screen de um nome de planta, acessar uma parte do amplo conjunto de informações que este vocábulo, transformado em nome de lugar, pode fornecer. Ao selecionar uma planta na tela central da instalação, sete novos monitores se acenderão, revelando ao usuário a língua de origem do seu nome (que vai da grega à tupi, passando por dialetos africanos e línguas orientais), algumas imagens e a localização das ocorrências do nome como indicadores de lugar em Minas Gerais. A instalação interativa foi concebida pelos professores Maria Cândida Seabra, Maria Inês de Almeida, Patrícia Kauark, Rodrigo Minelli e pelo historiador René Lommez Gomes. O designer das telas foi criado por Juliano Augusto e Marcelo Dante e o software desenvolvido por Lucas Santos Junqueira.

Diversidade linguística é o nome do último módulo da seção *Vertentes*. Desenvolvido a partir dos estudos de pesquisadores da Faculdade de Letras

da UFMG e do Núcleo de Pesquisas Literaterras, com a consultoria das professoras Maria Cândida Seabra, Maria Inês de Almeida e Sônia Queiroz, este módulo tratará dos registros da memória do trânsito de pessoas e das trocas culturais ocorridas em Minas Gerais ao longo de sua história: as línguas faladas no estado.

Ao entrar em um recinto que simula janelas do casario das Minas antigas e se sentar em uma de suas conversadeiras, o visitante poderá ouvir fragmentos de conversas e falas de habitantes de várias regiões do estado. Será possível escutar os principais sotaques e formas de se expressar em português desenvolvidos pelos mineiros, além de exemplos das línguas indígenas e remanescentes de línguas africanas utilizadas no estado. A concepção da instalação foi dos professores Maria Inês de Almeida, Patrícia Kauark, Rodrigo Minelli e Jalver Bethônico. A seleção de áudio foi realizada pela pesquisadora Neide Freitas e a edição ficou a cargo do professor Jalver Bethônico.